PÓS-ESTRUTURALISMO

VERBETE

Quinta-Feira, 18 de Junho de 2020 15:25:56

VERBETE - TRADUÇÃO

FONTE: Nünning, Ansgar (Hg.), Metzler Lexikon Literatur- und Kulturtheorie: Ansätze - Personen - Grundbegriffe. 3. Aufl., Stuttgart, Weimar: J. B. Metzler, 2004

TRADUTOR: Luís Afonso Heck

Semestre de inverno 2012

Para uso em sala de aula – UFRGS – Faculdade de Direito

Anexos: 03

Prof. Dr. Luís Afonso Heck

Semestre de inverno de 2012

Para uso em aula - UFRGS - Faculdade de Direito

PÓS-ESTRUTURALISMO

Pós-estruturalismo, sob o conceito p., que, muitas vezes, erroneamente é tratado como sinônimo para com o conceito pós-moderno, são enfeixados um número de filósofos (G. Deleuze, J. Derrida, M. Foucault, L. Irigaray, J. -F. Lyotard), críticos literários (R. Barthes), Soziologen (J. Baudrillard) e psicoanalistas (F. Guatari, J. Kristeva, J. Lacan). Desenvolvido foi o p., em grande parte, na França; especialmente, em um pequeno círculo de pensadores, que se fecundam reciprocamente, em Paris do final dos anos 1960-1980 (fala-se, por isso, muitas vezes, do p. como ›escola francesa‹), em que o ponto alto da recepção internacional do p. situa-se nos anos 1980. Como seu nome indica, o p. desenvolve-se de uma revisão e definição nova complexa do estruturalismo, outra vez, especialmente francês (C. Levi-Strauss, F. de Saussure, R. Jakobson, L. Althusser). Significativo no p., que modificante criticamente evolui o estruturalismo, é o recurso à mudança linguística (*linguistic turn*), isto é, à influência de ciências distintas por linguística e semiótica. Essa base comum permite uma forte interdisciplinariedade, uma vez que todas as variedades do p., se agora filosofia, sociologia ou psicoanálise, desenvolvem suas teorias específicas desde uma semiotização rigorosa do mundo e da ciência. Assim, é comum às versões, que se realçam uma da outra, em parte, criticamente, do p. o recurso à teoria dos signos, especialmente saussuriana, na qual o signo reúne-se da tríade significado (ideia, designado), significante (imagem sonora, designante) e referente (coisa, objeto), em que o referente atua como elemento excluído, que, sem dúvida, está submetido à produção do signo (como vácuo, que se trata de preencher), mas não a influi diretamente (comparar para isso, especialmente U. Eco). Nas versões distintas do p., a ideia, segundo a qual o significado deve ser avaliado mais alto que o significado simplesmente ›suplementar‹, continuamente é submetida a uma crítica rigorosa. Em Derrida, isso ocorre por meio de uma desconstrução de textos logocêntricos, isto é, fortemente influenciados pela metafísica. A análise desconstrutiva expõe nos textos investigados a ›supressão‹ do material idiomático em favor da ilusão do significado não-contaminado. Em textos retórica e conceptualmente extremamente complexos, Derrida leva os textos investigados até ao limite, no qual as ideias de origem, significado puro, assim como de unidade intelectual e textual dissolvem-se. Em um traço, que se torna, no decorrer de seu desenvolvimento, mais adornado e mais livre, que conscientemente se subtrai

às leis de um texto científico-filosófico, os escritos de Derrida convertem-se em reproduções e um pensar que decididamente se propaga dentro do fendimento de significado e significante. A liberdade, obtida pelo riscamento da ontologia e da metafísica, é atribuída ao p. como adornidade. Em Lacan, que mais fortemente está enraizado no estruturalismo que Derrida, mostra-se uma revalorização semelhante do material idiomático, que Lacan aprofunda na teoria freudiana. Recorrendo às teorias de Jakobson, Lacan forma os conceitos linguísticos metáfora e metonímia sobre os conceitos psicoanalíticos condensação e remoção. Dessa analogia, ele desenvolve o conceito de um inconsciente que ›é estruturado como um idioma‹. Na crítica de Deleuze e Guatari a teoria lacaniana é lida contra si mesma, em que particularmente o estar preso da teoria é realçado no projeto social da edipagem. Era o resultado da cura psicanalítica um sujeito que se resignou com sua fendidade, então Deleuze e Guatari propagam um sujeito que se dissolve em campos e correntes de intensidades. Também Baudrillard aproveita-se, em sua crítica do marxismo clássico, da linguística. Segundo Baudrillard, todas as leis econômicas estão submetidas à lei e à estrutura do código arbitrário, isto é, do idioma e refletem esse. Segundo a teoria de Baudrilard, a realidade foi apagada no mundo pós-capitalista e convertida em uma simulação hiper-real (simulacro). Essa é criada artificialmente e submetida completamente aos valores do capitalismo. Importante para o projeto do p., assim como para sua recepção, é, em particular medida, sua definição nova, tanto implícita como explícita, do conceito de sujeito, que não se deixa mais entrar com força em um quadro humanístico, embora a aversão entre p. e humanismo, muitas vezes, baseia-se em mal-entendidos. O sujeito pós-estruturalista é sem origem e sem unidade. Ele é ›no interior mais profundo‹ um produto do signo; um ser preso no idioma e definido por idioma, em sentido amplo, definido por cultura. Especialmente o feminismo aproveitou-se desse modo de ver para desabafar e circunscrever a posição da mulher (como o significado de um sistema falocrático e de um idioma falocrático) (teoria da literatura feminista). Tais definições novas são possíveis, uma vez que p. entende a realidade como um produto artificialmente criado e assim como inerentemente fictícia. Um sujeito submetido à lógica do idioma é irrecusavelmente um eminentemente literário. Isso é, certamente, o fundamento para isto, que o p. influenciou especialmente a teoria da literatura que, nesse sujeito, reencontrou o sujeito literário. Em oposição ao estruturalismo, para o qual se tratava de abstrair de estruturas superficiais distintas uma estrutura de profundidade e, assim, destilar de textos distintos um significado geral (no âmbito da teoria da literatura e da antropologia pensa-se, por exemplo, nas interpretações dos mitos de Lévi-Strauss), trata-se para o p. justamente mostrar que uma tal separação não pode ser mantida (uma obra-chave nessa travessia é o livro de Foucault *Les mots et les*

choses, 1966). Geralmente, o p. propaga a equiparação dos planos do significante e do significado em omissão simultânea do referente como um conceito elaborado primeiro posteriormente, sempre já idiomatizado. Na teoria da literatura, por exemplo, na S/Z de Barthes (1970), isso conduz a isto, que planos de leitura e de interpretação distintos cruzam um texto paralelamente um com o outro ou, como Deleuze e Guatari iriam dizer, ›transversalmente‹, sem reduzir ele a um significado específico. Esse recurso a versões de leitura flutuantes aparentemente livres, ou no vocabulário de Derrida ›disseminantes‹, em cuja luz mesmo as interpretações mais desdobradas da escola hermenêutica aparecem ainda muito centradas, expuseram o p. não só à crítica, teórico-literária em sentido restrito, de uma ›atitude-*tudo-é-permitido*‹, mas também, em sentido amplo, à censura de ser elitário e apolítico. — Particularmente em época recente existem tentativas do p. de precisamente afrontar essas críticas. Assim, especialmente, nas ciências da cultura são empreendidas tentativas de tratar tensões entre culturas e dentro de grupos culturais como conflitos de sistemas de signos distintos. Mesmo o marxismo, que desde sempre insiste o mais fortemente em uma base sem signos, real ›abaixo da‹ superestrutura cultural, ocupou-se, em época recente, com o p. (Baudrillard; F. Jameson; S. Zizek) e integrou correntes *do p. em sua imagem do pensar.*

Fonte: Nünning, Ansgar (Hg.), Metzler Lexikon Literatur- und Kulturtheorie: Ansätze - Personen - Grundbegriffe. 3. Aufl., Stuttgart, Weimar: J. B. Metzler, 2004.

Obs.: o sublinhado é de L. A. H.

MARCADORES

Verbetes |